

# humanitas

**Vol. XXXV-XXXVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV  
C O I M B R A

# OS TEXTOS CAMONIANOS DATADOS DE 1572 E AS TRADUÇÕES CASTELHANAS DE 1580 D'OS *LUSÍADAS*

O estudo que vai ler-se radica em uma suspeita, velha de alguns anos, de que as duas traduções acima referidas, e não apenas uma delas, têm considerável importância na resolução de problemas importantes de fixação do texto da nossa Epopeia quinhentista.

## OBJECTIVO PRIMORDIAL

Pretendo, fundamentalmente, determinar aspectos da fisionomia dos textos épicos originais de Luís de Camões, que aquelas duas versões podem deixar pressupor.

## PREPARAÇÃO, MÉTODO E NATUREZA DA PESQUISA

Não me aventurei, contudo, neste mar de averiguações de desvios ou de coincidências entre sintagmas estrangeiros de ambas e os correspondentes de Camões sem procurar fundamentos linguísticos incidentes em análises de estruturas que tive por relevantes: concordância/não concordância do particípio passado + aux. *ter/haver*, que iria destinar a publicação na *Revista Lusitana*, e regência da passiva com *por / de* n'Os *Lusíadas*, de que fiz descrição comentada, com oportuna distribuição pelos Membros da Comissão da ed. crítica d'Os *Lusíadas* da nossa Academia (junto dos quais trabalho), para determinar, até certo ponto, o grau da fidelidade à expressão camoniana por parte de cada um dos tradutores, relativamente aos suportes (manuscritos originais ou cópias impressas) que visivelmente tiveram de utilizar, quer no caso do texto de Alcalá, quer no de Salamanca.

Quase simultaneamente, pude fazer a leitura de uma obra editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, da autoria dos Profs. Pina Martins

e Eugénio Asensio, onde, em considerações do último, colhi informações tão estimulantes que me levaram a prosseguir e ampliar as pesquisas iniciais na parte introdutória da versão de Tapia, na obra bibliográfica do Prof. Palau, onde há lapsos quanto aos dois trabalhos de 1580, e num estudo do Prof. Justino Mendes de Almeida, publicado no Número Especial da Revista *Garcia de Orta* de 1972. Desde logo, desenhou-se-me no espírito esta convicção de sumo interesse: trabalhando sob fortes estímulos de Filipe II, Caldera e Tapia entregaram-se apaixonadamente à tradução d'*Os Lusíadas* e, na corrida para a publicação, embora separados no espaço peninsular, coubera a Caldera a vitória, mas um e outro tinham o trabalho concluído ANTES DO FALECIMENTO DE CAMÕES, em 10 de Junho de 1580: a primeira já estava aprovada por Fadrique Furió Ceriol, em Madrid, a 17 de Março desse ano, mas, como escreve, no livro citado, o Prof. Asensio, «las dos versiones» são «simultáneas y concurrentes» (cf. pp. 45-46).

Ora isto é bastante importante, quando se verifica que alguns passos de Tapia, como veremos, apontam claramente para evidentes contactos com a edição *D* (também conhecida por *E* ou *B* de Epifânio), o que é perturbador da solidez das construções-teses, laboriosa e tenazmente defendidas por ilustres Camonistas, entre os quais os Profs. Hernâni Cidade e Costa Pimpão. Este último chega, em sua ed. d'*Os Lusíadas* de 1972, a propor o ano de 1585 — posterior à ed. dos *Piscos* — para a publicação da ed. *D* que, segundo pensa, NÃO PODERIA TER SIDO VISTA POR CAMÕES (cf. p. XLII: «...o certo é que *A* [= *Ee/S*] e *B* [= *E/D*] são inconfundíveis: *A*, a edição que Camões viu, e *B*, a que ele já não pôde ver.»).

Retiveram igualmente a nossa atenção as relações existentes entre o Cancioneiro de Luís Franco Correa (anterior às ed.s datadas de 1572 de Camões), os textos de *S* e *D* e as traduções de Caldera e de Tapia. De um modo geral, salvo um ou outro desvio, desde a 1.<sup>a</sup> oitava, Caldera seguiu a L. F. Correa e à chamada ed. *S*, aparentemente.

No estado actual das observações que tenho podido fazer, creio serem igualmente dignas de apreço as lições de *S* e de *D*, umas e outras contemporâneas de, pelo menos, os últimos anos do Poeta, embora ambas contenham gralhas que importa rejeitar, insuficiências que só alguns exemplares mostram não serem de Camões (caso de *Bootes*, com *-e-*, como aparece nas reproduções fac-similadas de A. G. Cunha e da *Revista de Portugal*, enquanto nas da Academia das Ciências de Lisboa, de 1980, encontramos *Bootes*, com *-o-*, no c. III, oit. 71, v. 7),

além de divergências estilísticas acerca das quais a opção dos editores será sempre difícil ou até impossível, como acontece com a regência do agente da passiva no último verso da oitava 117 do c. III (*por IESU/de IESU*), salvo se muito valorizarmos a preferência (tradição firme?) dos mais antigos editores da Epopeia.

Mostram-nos, além disso, o exame atento das «emendas» da ed. de Barreto Feio e de Gomes Monteiro, de Hamburgo, 1834, e o do texto fixado e o aparato crítico de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (ed. de 1908) as *leituras implícitas* destes editores e as *fontes* de inspiração de algumas das suas propostas: as versões castelhanas de 1580 d'*O's Lusíadas*.

Em um ponto julgo necessário insistir: no do *longo tempo que deve ter sido necessário à elaboração destas versões*. Longo, necessariamente. Elaboração árdua, atenta, com mil preocupações de apresentar trabalho digno do texto e do Autor traduzido.

Dos problemas da génese de certas variantes de *S* e *D* trato mais demoradamente em outro estudo que aguarda publicação.

Falta acrescentar ter sido este trabalho elaborado durante os meses de Agosto e Setembro de 1983 e, poucos dias depois, oferecido aos Membros da Comissão acima referida (primeira quinzena de Outubro). Ulteriormente, introduzi-lhe algumas modificações de redacção que lhe não alteram a substância e agora se imprimem, como a citação tomada das ACTAS da IV Reunião Internacional de Camonistas, promovida pela Universidade dos Açores e o aditamento de D. IVANA GALLO, na bibliografia, somente possível em 29.11.1984, por informação, que muito agradeço, devida ao Prof. Giacinto Manuppella. Idêntica observação quanto ao estudo do Prof. J. Almeida Pavão, só divulgado em Lisboa, segundo soube, em 1984.

OS TEXTOS CAMONIANOS DATADOS DE 1572 D'OS *LUSÍADAS* E AS TRADUÇÕES CASTELHANAS DE 1580

## Trad. de CALDERA

1. É a 1.<sup>a</sup> tradução castelhana d' *Os Lusíadas*, mui diversamente do que, ainda em 1950, escrevera o Prof. António Palau y Ducet. Cf. Eugenio Asensio, LOS «LUSÍADAS» Y LAS «RIMAS» DE CAMÕES EN LA POESIA ESPAÑOLA/(1580--1640).
2. Apresenta na 1.<sup>a</sup> oit. do c. I «y entre».
3. No início dos versos, revela preferência pela minúscula como Luís Franco Correa. Como este, escreve *Tra-* (com desenvolvimento do sinal abreviado) na 1.<sup>a</sup> sílaba da forma que fixará: *Trapobana* (desatento ao *r* introduzido na 2.<sup>a</sup> sílaba existente no ms.).
4. Denota apreciável atenção às conveniências da pontuação gráfica.
5. Mantém a regência do agente da passiva com a prep. *de* como nos textos datados de 1572, tanto quanto pude observar nos primeiros cantos. Cf. quadro de regências, anexo a este estudo.
6. De acordo com a chamada ed. *Ee/S* de 1572 e todas as ed.<sup>s</sup>. conhecidas anteriores à do Morgado de Mateus (1817), na regência do agente da passiva em III, 117, v. 8, escreve Caldera *por Jesus*.

## Trad. de TAPIA

1. É a 2.<sup>a</sup> tradução castelhana.
2. Regista «*Que* entre» na 1.<sup>a</sup> oit. do c. I.
3. Observa critério coincidente com o dos textos da Epopeia, datados de 1572, na preferência pela maiúscula no início de cada verso. Escreve *Taprobana*.
4. Não mostra grande atenção quanto à pontuação gráfica. Trabalho apressado? Poucos colaboradores/revisores?
5. Quanto à regência do agente da passiva, em relação aos textos datados de 1572, não mantém sempre o uso da prep. *de*. Um ex. deste desvio: no c. I, oit. 10, regista «*Por* premio vil».
- 6\*. Surpreendentemente (em face da atitude a que aludirei adiante, quanto à expressão «Portugues Capitan», que Epifânio considerou fundamental na distinção dos textos de 1572 — entre *Ee/S* e *E/D*), em III, 117, v. 8, Tapia não regista *de Jesus*, mas *por Jesus*, exactamente como Caldera.

(\*) Os factos relevados nos n.<sup>os</sup> 6 e 7, conjugados com os que menciono em 5, podem, com muita probabilidade, indicar que Tapia conhecia tanto a ed. *D* (cf. n.<sup>o</sup> 6) como também *S*, embora se não possa esquecer o seu desvio na regência da passiva que refiro em 5.

7. Como era natural, por haver escrito *y entre* no c.I, oit.1, também escreveu «Portugues *Cipion*» no c. VIII, oit. 32. Contudo, em c. I, oit. 47, segue a ed. *E/D* («*Desde la cinta*»), tal como em I, oit. 32 («*agua de Parnaso*»), III, oit. 52 («*de sangre*»)...
8. Por diversas emendas em relação aos textos datados de 1572, antecipa-se a significativas correções portuguesas: v.g., em c. IV, oit. 39, v. 5: «*Porfiam, tiñe al hierro sangre ardiente*» (Cf. ed. de Hamburgo, de 1834), de acordo com o ms. 2.º achado por Faria.
9. Dando razão à emenda proposta pela ed. de Hamburgo (1834), *que não teve fortuna nas ed.º posteriores*, escreve *venciéron*, no c. IV, cit. 16, v. 4.
10. Mantém, como Tapia, o «erro» (discutível) que a ed. de Hamburgo (1834) há-de relevar: «que con titulo falso poseyendo/*esta* el famoso nombre Sarraseno.» (c. III, oit. 110, v. 6).
- 7\*. Embora, em III, 117, v. 8, opte pela regência *por Jesus*, no c. VIII, oit. 32, coincide — facto de capital importância na identificação do texto traduzido — com a ed. *E/D*, escrevendo «Portugues *Capitan*», muito diversamente do que vemos acontecer em Caldera. Todavia, em I, oit. 32, segue *Ee/S* («*agua del Parnaso*»)...
8. Em vários lugares, antecipa-se consideravelmente a conhecidas ed.º, como acontece no uso de *De*, em c. I, oit. 89, v. 2, em relação à ed. de D. Carolina M. de Vasconcellos (1908).
9. Mantém o «erro» de 1572 (*S/D*), em relação a c. IV, oit. 16, v. 4, assim designado pela ed. de Hamburgo (1834): escreve «*Vencistes*».
10. Mantém, como Caldera, o «erro» que realça a ed. de Hamburgo (1834): «...*Esta* el famoso nombre Sarraceno», no c. III, oit. 110, v. 6.

*Nota* — Não acho impossível que um ms. original apresentasse, neste lugar, *Estão*, de acordo com a proposta da ed. de Hamburgo, se o desenho das *duas últimas letras* dessa palavra (-ão) + o artigo masc. sing. imediato se apresentassem como *Està o* ou *Está o*. No c. I, nunca aparece *Estão*, o que não permite, para estudo directo desta forma, recorrer a L. F. Correa. Neste ms., porém, encontrei, nítida, a forma *Está*, a fl. 211 verso, 3.ª oit. v. 1, o que deixa imaginar possibilidade de um plural *Estão* semelhante a *Está* ou *Està* ou *Estâ* + *o* (com este *artigo demasiado próximo*). Observei também aquelas mesmas duas últimas letras em *Rezão* (L. F. Correa, 214 verso, 3.ª oitava, verso 5), *não* (*ibidem*, 203 verso, 1.ª oit., v. 2) e *q̃ os* (*ibidem*, 206 r, 2.ª oit., v. 5). Recorri ao *Índice Analítico* de A. G. Cunha e ao *Índice Reverso* de Telmo Verdelho (p. 184).

11. Quanto às nossas primeiras 13 observações [Vid. *Apêndice*] de concordância do *participio pasado* conjugado com o aux. *ter/haver* (a última das quais é correspondente à oit. 42 do C. IV) n'Os Lus., Caldera coincide, em 8 casos, com L. de C. e construi diferentemente nos 5 restantes. Em 20 casos de não concordância, neste mesmo aspecto (último considerado: o da oit. 79 do C. IV), há coincidência em 13 casos, desvio em 5 + 2 casos da concordância recriada (em III, oit. 93, e II, oit. 13). Cf. quadro de *Morfo-sintaxe do participio passado português*, anexo a este estudo.
11. Em relação às observações dos mesmos casos indicados, ao lado, para Caldera, temos, em Tapia:
- nas concordâncias:
    - coincid. — 6
    - desvios — 7
  - nas não concord.:
    - coinc. — 15
    - desvios — 5
    - caso de conc. recriad. — 1
12. O exemplar de Tapia da BNL é *incompleto* (Cam. 199 P)\*: faltam-lhe as folhas finais, como já notou o Prof. Justino de Almeida, que as substituiu, no n.º Especial de 1972 de GARCIA DE ORTA, pelos passos correspondentes do ms. n.º 13811 de Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Garante: esta «versão setecentista não é inferior à de 1580. Antes se me afigura mais conforme com o original.» Acrescenta: «uma tradução baseada na de Luys Gomes de Tapia e não uma cópia desta.»

---

(\*) A *últ. oit.ª*, neste exemplar da trad. de Tapia (fls. 297v), começa pelo verso «Podeys os embarcar que, teneis viento» (Cf. Canto X, oit. 143). A versão *completa* pode, contudo, observar-se, na mesma BNL, recorrendo à cota Cam. 232. Esta «nueva edición», de 1913, é muito deficiente: omite a *totalidade* dos textos que, no original de 1580, precedem a tradução; altera gravemente a pontuação; não respeita o uso primitivo da maiúscula inicial; e, tentando modernizar, não numera as oitavas, mantendo a antiga dificuldade de consulta. Vd. ainda BIBLIOGRAFIA.



13. O exemplar de Tapia da BNL ostenta, em letra de mão, «letra quinhentista», no rosto, o nome, de LUÍS DE CAMÕES, com -i-, como finamente observou o Prof. Doutor Justino M. de Almeida, muito diversamente de *Luy's*, com -y-, como na mesma página está impresso. Assinatura do Poeta, como se tem alvitado? Exemplar enviado pelo Tradutor castelhano ao Autor português, no próprio ano em que este morreu, como também creio ser inteiramente possível?

### OBSERVAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

O estudo pormenorizado e simultâneo das duas traduções de 1580 sugere, se alguma validade há em quanto deixo aqui, uma URGENTE EDIÇÃO DE OITAVAS JUSTAPOSTAS, fac-similada, com eliminação de todas as numerações feitas a tinta e acrescentamento, à margem, de NOVA NUMERAÇÃO, IMPRESSA, em que se reúnam ambas: contém ensinamentos imprescindíveis a uma fixação exigente do texto da Epopeia. Relevarei, entretanto, os aspectos seguintes:

1.º — Neste momento e dispondo ainda de um número limitado de observações, parece-me possível e de muita prudência admitir (infelizmente contra os argumentos de todos os que pensam como os Prof.s Hernâni Cidade e, com ênfase especial, Álvaro da Costa Pimpão) que *Luís de Camões deve ter, na verdade, conhecido a chamada edição D*, com erros e disparates de impressão que o devem ter feito desesperar, mas com lições reconhecidas como de proveniência camoniana que Caldeira e Tapia muito escrupulosamente reproduziram.

Este pequeno e muito modesto estudo viria apenas alertar os especialistas para a necessidade de se rever, a outra luz, o velho problema

da antiguidade dos textos datados de 1572, pois mesmo *D* não parece lícito continuar a considerar-se publicação póstuma.

2.º — Na verdade, ambas as traduções castelhanas de 1580 estavam, fora de qualquer dúvida, *prontas ANTES DE 10 DE JUNHO*, sendo a de Caldera a 1.ª e a de Tapia a 2.ª, se são, como entendo, irrefutáveis, em face da documentação presentemente disponível, as provas do Prof. Eugénio Asensio, e se, quanto à data daquela morte, nada se pode acrescentar à argumentação de António Borges Coelho.

3.º — Os trabalhos de Caldera e de Tapia, lidos e apreciados com algum cuidado, revelam longa e responsável elaboração, talvez não apenas individual mas de grupos distintos e selectos, ainda que apresentem gralhas evidentes (\*), descuidos de pontuação gráfica, aliás muito menos exigível naquele tempo do que hoje: há *grande fidelidade aos originais disponíveis*, como a *qualidade das emendas*, relativas a 1572 e as *estruturas consideradas* em apêndice a este trabalho o mostram.

4.º — Sendo, pois, de toda a evidência, os trabalhos preparatórios da tradução, tanto de Caldera como de Tapia, *anteriores a 1580* — cujos primeiros meses teriam sido manifestamente insuficientes para cuidada revisão tipográfica —, parece interessante nos interrogarmos acerca de *quanto tempo* (meses, anos) *teria cada um dos tradutores consumido na respectiva tarefa de fixar o texto da sua tradução*, o que vem, simultaneamente, situá-los, por certo, em plena acção na segunda parte da década dos anos 70, já plenamente informados das *primeiras reacções à publicação de 1572* e — quem sabe? — depois de ter recebido do próprio Poeta português *manuscritos disponíveis, que preferisse aos próprios textos impressos*. O cotejar de cada uma das traduções com o ms. de L. F. Correa, com as correcções manuscritas lançadas no exemplar da ed. de Paris, de 1859, do Dr. Caetano Lopes de Moura (exemplar da BNL), com a cópia do «ms. que possuiu Francisco Manuel» (Julho de 1866 — Ms. 223, n.º 23 da BNL), com o de Faria e Sousa e com o de Manoel Correa, parece-me, por isso, tarefa prioritária, que, todavia, não excluirá atenção a outras fontes que, entretanto, apareçam.

---

(\*) É o caso de *Camisio* (por *Canúcio*) que ocorre em Tapia (fl. 107v). Caldera, aqui, acertou inteiramente: *Canusio*.

5.º — Se o sentido da evolução é do mais simples para o mais complexo; se o progresso (não posso esquecer a terrível impressão que o livro de Prof. Gordon Childe, «O Homem faz-se a si próprio» me causou!) é lei universal extensiva a quanto é humano; se as primeiras redacções correspondem a primeiras tentativas que precedem a obra acabada (recordo-me constantemente da *longa paciência* de Flaubert, de Eça, e, com emoção, das doze tentativas de La Fontaine até descobrir o texto definitivo de uma fábula); se o ms. de L. F. Correa revela (até pelas evidentes eliminações de numerosos versos, pelas substituições de palavras e expressões), em relação a *S* e a *D*, um estádio estilístico que ninguém se lembraria de considerar de melhor qualidade que as lições tidas por definitivas; se ambas as traduções de 80 são, como vem sendo aqui sublinhado, *do tempo em que o Poeta era efectivamente vivo* (como cheios de sua imensa vida seriam os originais remetidos aos tradutores castelhanos), algumas perguntas talvez imperinentes, incómodas, mas inevitáveis me ocorrem:

- a) Embora ambas publicadas durante a vida de Camões, será realmente improvável admitir que *D* tenha precedido a *S*?
- b) Não será pensável que a lição «Portugues *Capitam*» de *D* (C. VIII, oit. 32, v. 3) corresponda a um estádio estilístico original e imediato, que tenha precedido, na pena do mesmo Poeta, a outra lição, a de *S*, a de «Portugues *Cipião*», reveladora de um momento posterior de aperfeiçoamento, de maior ajustamento à dignidade de um estilo diferente, erudito, *grandiloquo*, que L. de C. sabe tão bem alternar, conforme lhe apraz, com o estilo *corrente*, ao longo da Epopeia?
- c) Não será evidente que ambas as lições, de *S* e de *D*, no C. III, oit. 117, v. 8, com as prep. *por* e *de*, respectivamente, são, por motivos diversos, defeituosas, e deixariam o próprio Poeta insatisfeito, longamente hesitante na forçosa opção de uma delas?
- d) Por que motivo podem ser mais dignas de fixação, em ed. crítica, as lições de *S* e de *D*, por ex. em c. IV, oit. 39, v. 5, *fogo*, e c. IV, oit. 16, v. 4, *Vencestes*, do que, respectivamente, *sangue* e *venceram*, subjacentes à trad. de Caldera, que o Poeta deve ter lido e... inspirado?

- e) No c. III, oit. 111, v. 5, temos: e *S*: o *D*. Daí a divergência em duas eds. do séc. XX:

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1908): Com palavras soberbas e arrogante (Segue ed. *D*)

Prof. Pimpão (1972): Com palavras soberbas, o arrogante (Segue ed. *S*)

Ora as duas trads. castelhanas de 80 contêm:

Caldera: Con palauras soberuias, arrogante (Assíndeto do original português, *camoniano*, ou antes da responsabilidade do *tradutor*?)

Tapia: Con vn hablar soberuio y arrogante (fl. 89r. — Parece-me de muito interesse sublinhar que, mais uma vez, *Tapia mostra ter presente a ed. D ou algum original que contivesse várias lições de D*).

Interroga-me: por que lição optar?

- f) No c. III, oit. 3, v. 6, *S D* registam *geanalosia*, que Piscos (1584) muda para *genealogia*. Antes, porém, anoto que Caldera escreve *genelogia* e Tapia *genealogia*. A ed. de 1626, entretanto, regista, pela 1.<sup>a</sup> vez, *genealosis* que, sem a mencionar, D. Carolina M. de Vasconcellos (1908) reproduz, com possível lembrança de formas análogas da língua medieval (Lembrarei, na *Virtuosa Benfeitoria*, ed. de 1946, p. 108, linha 35: «...sam thomas, em o ij da segunda parte da *theolosis*...»), mantendo a correção do étimo, já operada, pois, no século XVII.

O conhecimento das formas dos tradutores poderá alterar a solidez da rigorosa reconstituição seiscentista?

- g) No c. III, oit. 65, v. 5, temos, em *S D*, «a serra» e nos dois tradutores de 80 «la sierra», lição que se mantém até à ed. de 1609 inclusive. O editor de 1612 muda-a, entretanto, para «a senhor» (O art. *femin.* será uma gralha ou estaremos diante de emergência, inesperada, creio, da língua dos trovadores?); e logo a ed. de Manoel Correa (1613) altera, de novo, fixando «o senhor», que Faria e Sousa retoma em seu erudito comentário: «*O senhor dela*. Era señor de Cizimbra agora ganada, el Rey de Badajoz, que aparecerà en la est.

seguinte (...)). Julgo, finalmente, que não deve ser esquecida a erudita nota do Morgado de Mateus, neste passo:

«Sentio-o a villa, e vio-o a serra della.

Figura poetica á imitação da de Virgil. *Georgic.*, liv. IV, *flerunt Rhodopeiae arces*, e menos atrevida. O editor Manoel de Faria não entendendo o lugar, imaginou haver erro de impressão (difficil de *Serra* a *Senhor*) e substituiu Senhor, o que faz hum sentido extravagante. Não se lembrou mesmo de outros lugares onda o Poeta se serve da mesma bellissima figura, como na est. 33, e na est. 118 do Canto X, e na est. 28 do Canto IV.» (\*)

Ainda que na posse destes elementos informativos, convirá estender o exame a ms. ou cópias de considerados ms. do séc. 16.

- h) Em relação a *matadores* do c. IV, oit. 11, v. 7, parece-me importante notar que esta lição de *S* e de *D* é mantida nos dois tradutores de 80:

Caldera: del, arma los soberuios *matadores*

Tapia: Armò de el los soberuios *matadores* (f. 105r)

Em 1644 somente, na ed. de Paulo Craesbeeck, surge pela 1.<sup>a</sup> vez a lição *moradores* que D. Carolina (1908) fixou, deixando *matadores* no aparato.

Posso, pois, acrescentar que as restantes edições *conhecidas*, anteriores à de 1644, apresentam *matadores*, incluindo a de Faria e Sousa de 1639.

---

(\*) Em comunicação apresentada durante a IV Reunião Internacional de Camonistas, promovida pela Universidade dos Açores, informou a minha Colega D. Maria Antonieta Soares de Azevedo que o ms. quinhentista, que vem estudando, da *Epopeia* — «anterior, na sua quase totalidade, à publicação de *Os Lusíadas*» — apresenta, neste lugar, a palavra *senhor*, “que substitui «serra»” (*Actas*, pp. 92 e 83).

Que mais será preciso, considerando tudo quanto deixamos dito, para nisto ver novo indício de hesitação inteligente e de trabalho estilístico do insigne Poeta, antes de certas opções definitivas?

O comentário dos editores de Hamburgo, de 1834, tomo 1, pp. 380-381, entretanto, afigura-se-me digno de atenção: «Est. 11.IV.7. *Mata-dores* por *moradores*. Erro palpavel de ambas as ed. orig., porque o poeta está fallando dos diversos povos da Hespanha que se armárão em peso, para vir contra os Portuguezes; e não he natural, que só a respeito de Guipuscua e das Asturias quizesse fazer esta excepção, limitando o numero dos que tomárão as armas, somente aos salteadores e assassinos: nem o epitheto de soberbos, aqui dado por distincção, convinha a tão vil relé. Pelo que á palavra *matadores* substituímos *moradores*, como se lê no 1.º manuscrito achado por Faria, que he a verdadeira lição.» Julgo de lembrar, contudo, que estes «soberbos *matadores*» contrastam, na mente de Camões, com os «heróis *esclarecidos*» (os merecedores do seu canto), a que alude em IX, oit. 95, v. 7.

De curioso me parece ainda notar que o mesmo Faria tenha desprezado a inestimável lição do seu achado manuscrito...

Que decisão última deverá, pois, ser tomada presentemente, em face destas várias informações?

\* \* \*

Outras observações igualmente importantes e de muito interesse na fixação do texto d'*Os Lusíadas*, poderão mostrar também como pode ser esclarecedor o conhecimento das duas traduções castelhanas de 1580. Deixo-o, contudo, para outra oportunidade.

6.º — Concordo, em face das provas aduzidas, com o Prof. Eugénio Asensio, quanto às referências à grande admiração de Filipe II pelo génio camoniano, pela Epopeia imortal, à sua acção discreta e forte pelo rápido aparecimento das duas traduções castelhanas, à longa e tocante ressonância da formação primeira da real sensibilidade, ministrada por aia portuguesa, com repercussão tangível até o extremo da existência dramática desse monarca espanhol.

Sinto, porém, que na minha leitura dos acontecimentos políticos peninsulares da década iniciada em 1570 não possa, de modo nenhum, abstrair da convicção íntima de que urgia revelar aos Portuguezes, duramente atingidos pela catástrofe de Alcácer-Quibir e pela morte do Desejado Rei, a solidariedade (subentendida, claro, a hipótese da conformidade lusa com o projecto de uma união política de Portugal

e Castela, sob uma coroa única), o amor e o orgulho da grande Espanha pela gloriosa Epopeia de Luís Vaz. É evidente que isso não obstava a que do lado deste projecto se fizesse, entretanto, adequada preparação militar, como não obistou a que a gente de duque d'Alba não afogasse em sangue, realmente, em Alcântara, as fracas forças dos que haviam feito leitura demasiado literal d'*Os Lusíadas* e da independência altiva que neles se canta, a qual quizeram defender nas pontas de suas lanças. Entende-se, pois, a *pressa* de Filipe II na publicação dos trabalhos de Caldera e de Tapia: *pressa* determinada pela precipitação dos acontecimentos políticos que então se viviam — a qual, todavia, não basta para excluir a seriedade, a qualidade resultante da árdua e longa tarefa que as duas traduções singularmente evidenciam.

7.º — Como suponho ter ficado suficientemente esclarecido em considerações precedentes, há critérios de fixação textual da ed. de Hamburgo (1834) que apontam para os trabalhos castelhanos de Caldera e de Tapia de 1580 (c. IV, oit. 39, v. 5 e c. IV, oit. 16, v. 4) mas ambas estas traduções, coincidentes, por vezes, com as ed. datadas de 1572, revelam-se desfavoráveis às emendas de 1834 nos casos do c. III, oit. 71, v. 4 e oit. 110, v. 6. Além disso, *adiantam-se os mesmos tradutores a todos os editores portugueses posteriores a 1580*, sem qualquer excepção, ao fixarem, pela primeira vez, correcções que hoje temos por evidentes mas que só com os anos e às vezes com os séculos, se impuseram no nosso País (c. V, oit. 85, v. 7; c. V, oit. 88, v. 6; c. V, oit. 93, v. 5). Mais: em um caso, entretanto, ainda que já lembrado por Manuel Pires de Almeida, a resistência nossa continua e continuará, provavelmente: c. V, oit. 86, v. 1 (*Julgas S D: Julgai Pires de Almeida: juzga Caldera: Mira Tapia*).

Por outro lado, é significativo o olhar atento, que agora facilmente se adivinha, de *D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos* (ed. de 1908), incidente nas obras daqueles dois tradutores, como se infere das várias coincidências (cf. c. I, oit. 32, v. 4; c. I, oit. 34, v. 6; c. I, oit. 89, v. 2; c. IV, oit. 30, v. 4; c. IV, oit. 71, v. 5; e VII, oit. 14, v. 5) que a pesquisa selectiva e metódica permite trazer à luz; e, mais importante do que isso, é que, sem deixar esquecidos os méritos das ed. *S* e *D*, Caldera e Tapia evidenciam antes conhecimento de ambas, e consentem a suspeita de uma pluralidade de ms., de redacções divergentes, as quais inculcam o imaginar, em Camões, um artista preo-

cupado com a busca da forma de melhor conveniência estética, de mais exacta expressão.

Talvez não seja excessivo, por consequência, admitir que, de futuro, se passe, em face do exposto, a falar menos dos pelicanos de colo à esquerda e à direita, e mais e melhor de *manuscritos*, de *folhas* impressas, de *exemplares* — diferentes uns dos outros — conhecidos e dos, talvez, por revelar, assim como das traduções de Caldera e de Tapia, cujos serviços incontestáveis no comentário e na fixação do texto d'*Os Lusíadas* é, neste momento, supérfluo encarecer.

EMANUEL PAULO RAMOS



APÊNDICE

REGÊNCIA DO AGENTE DA PASSIVA N<sup>o</sup>s *Lusiadas* EM CONFRONTO COM AS CORRESPONDENTES CONSTRUÇÕES DAS *trad.<sup>s</sup> castelhanas de 1580*

LOCALIZ.	TEXTOS DE 1572	TRAD. DE CALDERA	TRAD. DE TAPIA	OBS.
c. I, oit. 4	celebrado/Foy <i>de my</i>	celebrado/fue <i>de mi</i>	Fue <i>de mi</i> f. 2r	
oit. 10	não mouido/ <i>De premio vil</i>	no mouido/ <i>de premio vil</i>	...no mouido/ <i>Por premio vil</i> f. 5v	Desvio em Tapia
oit. 19	<i>do gado (...)</i> sam cortadas	<i>del ganado</i> del Dios Protheo cortadas	Que <i>del Protheo</i> ganado sō holladas f. 5v	
oit. 21	<i>do poder (...)</i> foi (foy) dado	<i>del poder...</i> le fue dado	<i>del poder</i> mas alto dado f. 6r	
oit. 55	<i>por quem</i> sejais/ Guiados	piloto aqui tendreys del qual vsando/ <i>Cor-</i> <i>rays</i> por estas ondas sabiamente	No faltaran pilo- tos que guiando/ Vayan alla flota, sabiamente f. 14v	Desvio em Caldera e em Tapia
oit. 70	<i>Por quem</i> podese aa Índia ser leuado	<i>por quien</i> pueda a la Índia ser lleuado	<i>Por quien</i> pueda a la Índia ser lleuado f. 18v	
oit. 78	Forão <i>por estes</i> <i>homẽs</i>	...eran assaltadas/ <i>por estos hombres</i>	...son robadas / <i>Por ellos</i> f. 20v.	
oit. 94	ser <i>dos Lusitanos</i> entendido	sin ser <i>delos nuestros</i> entendido	Y sin poder <i>de na-</i> <i>die</i> ser sentido f. 24v	
oit. 95	Foy <i>delle (...)</i> agasalhado	es <i>del(...)</i> agasajado	Mostrandose del odio ya olvidado f. 24v	Desvio em Tapia
oit. 99	...he possuida <i>da malina/Gente</i>	porque tiene la Isla maligna/gente, que por Mahoma muere	Que en la Isla que dizer estar vezina f. 25v	Desvio em Caldera e em Tapia
c. II, oit. 35	<i>de quem</i> foy(...) amada, e cara	<i>de quien</i> fue siempre amada y cara	<i>de quiẽ</i> fue siẽpre amada y chara fl. 38v	Problema de- corrente de discutida <i>hen-</i> <i>diade</i> (s); re- gências dife- rentes.
oit. 38	<i>do (...)</i> amante,/(...) maltratada	que fue <i>de incauto</i> <i>amante, (...)</i> mal tra- tada	que ha sido <i>de su</i> <i>amante (...)</i> mal- tratada f. 39v	
oit. 46	<i>por elles(...)</i> Serão dadas	a la tierra daran leyes mejores	A las tierras darã leyes mejores f. 41v	Desvio em Caldera e em Tapia
oit. 79	Foy <i>da suma Lus-</i> <i>tiça</i>	<i>de la suma justicia</i> concedido/fue	Fue <i>de suma justi-</i> <i>cia</i> concedido	
oit. 82	<i>do interprete</i> <i>diuino</i>	conducidos <i>de inter-</i> <i>prete diuino</i>	Traydos <i>del inter-</i> <i>prete diuino</i>	

MORFO-SINTAXE DO PARTICÍPIO PASSADO PORTUGUÊS N'OS  
LUSÍADAS E NAS CORRESPONDENTES TRAD.S CASTELHANAS DE 1580

TEXTOS DE 1572	TRAD. DE <i>Caldera</i>	TRAD. DE <i>Tapia</i>
CASOS DE INVARIABILIDADE		
c. I, oit. 4:		
...pois <i>criado</i> <i>tendes...</i> hum(...) <i>engenho</i>	...pues <i>criado</i> / en mi <i>teney</i> s vn nueuo ingenio ardiente (...)	...que <i>criado</i> / <i>Aueis</i> en mi vn ingenio nueuo ardiente f. 2r
oit. 50:		
...Ou que partes do mar <i>corrido</i> <i>tinhão</i> ( <i>tinham</i> )	o que partes del mar <i>cor-</i> <i>rido</i> <i>tienen</i> :/ (...)	O que partes del mar <i>cor-</i> <i>rido</i> <i>hauian</i> : f. 13v
oit. 51:		
Do mar <i>temos corrido e</i> <i>nauegado</i> / Toda a parte	Del mar <i>hemos corrido y</i> <i>nauegado</i> / la parte (...)	Del mar <i>hemos corrido y</i> <i>nauegado</i> / La parte f. 13v
oit. 66:		
Se as armas queres ver, como <i>tês dito</i> ,	Si quieres ver las armas, no lo quito/cumplido esse desseo te seria (...)	Si quieres ver las armas tu apetito/Se <i>complira</i> , f. 17v
oit. 79:		
Que quasi todo o mar <i>tem</i> <i>destruido</i>	que casi todo el mar <i>han</i> <i>destruydo</i>	Que con robos el mar <i>han destruydo</i> /... f. 20v
c. II, oit. 13:		
...vendo que <i>enganado</i> / Os <i>tinha</i> o falso, e santo fingimento:	...no viendo que <i>engana-</i> <i>dos</i> / los <i>tiene</i> el falso y santo fingimiento.	Los Christianos, sin ver como <i>engañados</i> /Los <i>tie-</i> <i>ne</i> el falso y sãto fingi- miêto f. 33r
oit.14:		
Os dous que o Capitão (Capitam) <i>tinha mandado</i>	los dos que el capitán <i>auia</i> <i>mandado</i>	Los dos que el Capitán <i>auia embiado</i> f. 33v
oit.68		
<i>Tinha</i> hũa volta <i>dado</i> o Sol ardente,	Vna buelta <i>auia dado</i> el Sol ardiente,	Diera vna buelta al mun- do el sacro Apolo f. 47r
oit.110:		
Vendo os costumes barba- ros alheios, / Que a nossa Affrica (Africa) ruda <i>tem</i> <i>criado</i>	viendo los vsos barbaros agenos/que nuestra Afri- ca ruda en si <i>ha criado</i> .	Que la Africana costa aqui <i>ha criado</i> f. 47v

## TEXTOS DE 1572

TRAD. DE *Caldera*TRAD. DE *Tapia*

## CASOS DE INVARIABILIDADE

c. III, oit. 17:

Muitas voltas *tem dado* a fatal roda:

en cuya gloria la fatal y estraña/ rueda, mil bueltas dio por humillalla.

*Ha andado* la fatal rueda enojada/... f. 65v

oit.28:

O espirito deu a quem lho *tinha dado*:boluio el alma a quien *da-do* se la auiaEl espiritu dio al que lo *auia dado* f. 68v

c. III, oit. 40:

Que ja na vida a morte *tem bebido*

Qual delante al verdugo el condenado/aun en la vida della despedido/al cepo tiene el cuello ya entregado / y espera por el golpe tan temido.

Que el trago de la muerte *ha ya bebido* f. 71v

oit. 76:

No barbaro que *tem cercado* Beja

enel Moro, que con Beja pelea

En el Moro que en Beja lo rodea f. 80v

oit. 80:

Mas o velho a quem *tinhaõ* (tinham) ja *obrigado*Mas el viejo a quien *tienen* ya *obligado*/...Mas el viejo à quien *tienen* ya *obligado*/Los trabajosos años (...) f. 81v

oit. 93:

Nem *tinha* como Phalaris *achado*, / Genero de tormentos inhumanosni *tenia* qual Phalaris *hallada* / inuencion de tormentos inhumanos.Ni *auia* como Phalaris *hallado* / Genero de tormentos (...) f. 84v

oit. 94:

Despois de *ter* o Reino *segurado*despues de *auer* el reyno *assegurado*,Despues de *auer* el Reyno *sossegado* f. 85r

oit. 120:

O nome que no peito *escripto* *tinhas*

el nombre caro del que tanto amauas.

El nombre q̄ en tu pecho esta estãpado. f. 91v

oit. 127:

Fraca & sem força, so por *ter* *subjeito* / O coração, a quem soube vencellaflaca y sin fuerças, por *tener* *sujeto* / el coração de quien supo vencella.)

Flaca y sin fuerça, porque dio de hecho / Su coração à quien supo vencella, f. 93r

c. IV, oit. 4:

Co odio que *occupado* os os peitos *tinha*

con el odio que al pecho se encerraua, / (...)

Con odio *occupados* los *tenia* f. 103v

oit. 8:

...ja *teue* o nome *diriuado*(si fue)ya *tuuoo* el nombre *deriuado*/(...)(Si fue)ya *tuuoo* el nombre *deriuado* f. 104v

oit. 79:

Eu vos *tenho* entre todos *escolhido*A vos *tengo* entre todos *escogido*Entre todos os *tengo* yo *escogido* f. 122r

TEXTOS DE 1572

TRAD. DE CALDERA

TRAD. DE TAPIA

CASOS DE CONCORDÂNCIA

c. I, oit. 29:

E porque, como vistes, *tem passados*Y porque en el viage *han ya passado*/ tantos peligros (...)Y porque en largo mar *tienen passados* / mil trâces (...) f. 8r

oit. 29:

E *tendo guarneçada* a lassa frota,

y rehaziendo la cansada flota

Que rehecha su tan deshecha flota/(...) f. 8r

oit. 40:

Da determinaçam que *rês tomada*

de la resolucion por ti tomada

De la resolucion esta tomada/(...) f. 11r

oit. 81:

Eu *tenho imaginada* no conceito, / Outra manha...  
N.B. — Em L. F. Correa: *imaginado*.ya *tengo imaginada* en el concepto/otra suerte (...)Y *tengo ya tramado* aca en mi pecho, / vn engaño (...) f. 21r

c. II, oit. 76:

Que (que) tanto mar e terras *tem passadas*:que *tienen* mar y tierras mil *passadas*:Que tantas leguas *tienen nauegadas* f. 49r

oit. 84:

Que os membros *tem regidos* da cabeça (cabeça,) NB.—Pontuação de Epif., J. M. Rod., A. J. Sar.: Que os membros *tem, regidos* da cabeça, (...)que son bien gouernados y *regidos*El del miembro de arriba *gouernado* f. 51r

c. III, oit. 27:

E do Iordão a area <i>tinha</i> <i>vistá,</i>	y del Iordan la arena <i>tenia</i> <i>vista,</i>	Ya del Iordan la arena <i>tenia vista</i> f. 68r
--	---	---

oit. 27:

Depois de <i>ter</i> Iudea <i>soju-</i> <i>gada</i>	despues dela Iudea sojuz- gada	Despues de ser Iudea so- juzgada f. 68r
--	-----------------------------------	--

oit. 81:

Em breue os Mouros <i>tem</i> <i>desbaratados:</i>	presto los Moros son des- baratados	Los Moros ahuyenta des- troçados f. 81v
---	--	--

oit. 132:

Que ella dos olhos seus <i>regadas tinha,</i>	que ellas ( <i>sic</i> ) <i>regadas</i> con sus ojos <i>tiene,</i>	Que ella con su dulce lloro antes regaua f. 94v
--	---	--

c. IV, oit. 21:

Que <i>gelados</i> lhe <i>tinha</i> os corações:	que ya sus corações yua elando.	Que <i>elados</i> les <i>tenia</i> los corações f. 107v
---	------------------------------------	--

oit. 22:

Que a ferrugem da paz <i>gastadas tinha</i>	que el orin dela paz <i>gasta-</i> <i>das tiene</i>	Que el orin de la paz <i>gastado auia</i> f. 108r
--	--	--

oit. 42:

<i>Tem</i> as flores da propria cor <i>mudadas:</i>	<i>tiene</i> la multitud, que alli perece/las flores del color proprio <i>mudadas</i>	Las flores de color <i>tiene</i> <i>manchadas</i> f. 113r
--	---	--

## BIBLIOGRAFIA

CANCIONEIRO de Luís Franco Correa (ms.).

Anotações manuscritas à ed. de 1859 d'*Os Lusíadas* (cota *Cam. 150 P* da BNL), Paris, Typ. H. Firmin Didot, in — 12.º. Reprodução textual extraída do catálogo dos *Reservados* da BNL: «Offerta á Bibliotheca Nacional do Visconde Julio de Castilho, 1.º official da mesma em 1880.

Diz o Sr. Visconde que este exemplar inteiramente anotado nas margens, é curioso por serem estas do punho de seu tio o Sr. José Feliciano de Castilho; sendo copiadas de um antigo manuscrito dos *Lusíadas*, cópia feita por Francisco Manuel do Nascimento.» Obra de consulta

muito prudente: talvez só o *confronto com outro(s) ms.* que, entretanto, apareça(m) poderá autorizar juízo fundamentado acerca do respectivo valor.

Ms. 223, N.º 23 da BNL, ou, mais propriamente, texto impresso d'*Os Lusíadas*, emendado à mão segundo o que se diz corresponder às lições de um códice do século XVI. Trabalho de consulta tão cautelosa como o anterior.

OS LUSÍADAS/Volume I/Fac-simile das duas edições datadas de 1572/Academia das Ciências de Lisboa/Lisboa/1980.

OS LUSÍADAS/ed. de Hamburgo/1834. O exemplar correspondente à cota *Cam. 310 V* da BNL está incompleto. Recomendo por isso o de cota *Cam. 11 V*.

OS LUSÍADAS/ed. de Teófilo Braga, de 1898. Reprodução anastática da ed. *D*. Contém lições diferentes das do Paço Ducal de Vila Viçosa e de *Cam. I P* da BNL. Na Biblioteca Nacional, correspondem-lhe, nos *Reservados*, a cota *Cam. 427 V*, 607, 240 e 241. Anuncia, na nota *AOS CAMONIANOS*, posições, referidas no presente trabalho, que assumiram H. Cidade e C. Pimpão (Cf. página 3, aliás não numerada).

OS LUSÍADAS/ed. de D. Carolina M. de Vasconcelos / Estrasburgo, 1908.

OS LUSÍADAS/ed. de Epifânio da Silva Dias/em dois tomos, de 1916 e 1918, 2.ª ed. A 3.ª ed., publicada no Brasil, enriquecida de muitas notas, M.E.C., 1972.

OS LUSÍADAS/ed. de Hernâni Cidade (Comemorativa/Imprensa Nacional)/1972.

OS LUSÍADAS/ed. de Álvaro Júlio da Costa Pimpão/1972.

TRADUÇÕES CASTELHANAS DE 1580:

- a) a de Benito Caldera, com as estrofes originariamente sem números. O exemplar da BNL que utilizei apresenta-as numeradas à mão e a tinta;
- b) a de L. Gomes de Tapia, de estrofes não numeradas, o que dificulta consideravelmente a consulta. Por se encontrar privado das últimas treze oitavas do canto X, o exemplar da BNL, lembrei (\*), nos *Reservados* desta Biblioteca, a conveniência de se lhe juntarem fotocópias de outros exemplares completos, por exemplo da Biblioteca Nacional de Madrid, cujas cotas referi às Senhoras Funcionárias que habitualmente me atendiam, em Novembro de 1983.

ESTUDOS CAMONIANOS que tive presentes, na elaboração deste trabalho:

- a) o de Justino Mendes de Almeida, *Uma Versão Manuscrita da Tradução Castelhana d'Os Lusíadas por Luys Gomes de Tapia*, in GARCIA DE ORTA, Número especial, Lisboa/1972;
- b) o de Francisco Dias Agudo, *A Edição d'«Os Lusíadas» de 1572*, na mesma Revista GARCIA DE ORTA, no mesmo Número;

---

(\*) Na sequência desta diligência, juntaram-se, posteriormente, fotocópias das oitavas que a este exemplar da BNL faltavam.

- c) o de Bernardo Xavier Coutinho, *A edição «princeps» de «Os Lusíadas»/ Subsídios para a sua crítica textual*. Braga, 1980;
- d) o de António Geraldo da Cunha, *Índice Analítico do Vocabulário de OS LUSÍADAS/ PRESENÇA/2.ª Edição*. Rio de Janeiro — R. J. — 1980;
- e) o de António Borges Coelho, *OS LUSÍADAS/Antologia temática e texto crítico*. Ed. CAMINHO. Lisboa, 1980;
- f) o de Bernardo Xavier Coutinho, *A edição «princeps» de Os Lusíadas. Um problema complexo e difícil (ou insolúvel?)*. *Muito provavelmente houve 3 edições «princeps» e não apenas 2, com a data (simulada) de 1572*, in ARQUIVOS DO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS/XVI/SEPARATA/Fundação Calouste Gulbenkian/Paris/1981;
- g) o de Telmo Verdelho, *ÍNDICE REVERSO DE «OS LUSÍADAS»*. Coimbra, 1981;
- h) o de Eugénio Asensio/José V. de Pina Martins, *LUÍS DE CAMÕES/ EL HUMANISMO EN SU OBRA POÉTICA/LOS LUSIADAS Y LAS RIMAS/EN LA POESIA ESPAÑOLA/(1580-1640)*. Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português/Paris, 1982,
- i) o de Ivana Gallo, *La prima traduzione spagnola dei «Lusíadas: da quale originale?»* [in «Cuaderni Portoghesi», N.º 6, pp. 101-134, Pisa, 1979; resumo: p. 179]. Aí, no resumo em língua portuguesa, lê-se: «O estudo de algumas variantes que a versão Castelhana apresenta em relação ao texto português de 1572 supõe a existência de um testemunho perdido do poema, e mais próximo talvez aos dois manuscritos mencionados por Faria e Sousa na sua edição de 1639 que às duas impressões de 1572. Daqui a importância da tradução da Caldeira como testemunho fundamental para a reconstituição do texto crítico do poema camoniano»;
- j) o de J. Almeida Pavão, *Os Lusíadas e a «edição dos Piscos»*, de Dezembro de 1962, publicado em TEMAS CAMONIANOS/UNIVERSIDADE DOS AÇORES/Ponta Delgada, 1984.

*Nota.* — Os trabalhos de Tito de Noronha, *A PRIMEIRA EDIÇÃO DOS LUSÍADAS/Livraria Internacional de Ernesto Chardron, editor/Porto e Braga/1880* e de Eleutério Cerdeira, *Um estudo sobre as duas edições datadas de 1572* (incluído na edição d'*Os Lusíadas* de Hernâni Cidade, de 1940, da Companhia Editora do Minho, Barcelos), entre outros, serão, espero, considerados noutra oportunidade.